

# GUILHERMINA SUGGIA E LUIZA TODI

O acaso dos acontecimentos faz com que o título das minhas notas de hoje reúna os dois mais célebres nomes femininos de que até hoje tem rezado a história da música em Portugal. Guilhermina Suggia encerrou o ciclo sinfónico levado a efeito pela Emissora Nacional e dirigido por Pedro de Freitas Branco. Luiza de Aguiar Todi é-nos lembrada por um novo estudo de Mário de Sampaio Ribeiro, onde ao lado duma amena exposição literária (trata-se duma conferência feita na Alameda de S. Pedro de Alcântara na tarde de 24 de Julho de 1942, a convite do Grupo dos Amigos de Lisboa), se alinham as notas de erudição segura a corrigir uns tantos erros já quasi históricos como a verdade que pretendiam traduzir.

A realização do concêrto de Guilhermina Suggia com a Orquestra Sinfónica Nacional, no Coliseu — a única grande sala (se assim é licito chamar-lhe) que existe em Lisboa — foi, como não podia deixar de ser, um formidável êxito. Como a lotação se esgotou rapidamente, o autor destas linhas ficou de fora. Serviu-nos desta vez a rádio e, manda a verdade que se diga, numa das melhores transmissões que tenho ouvido nos últimos tempos. Felizmente a Emissora Nacional mudou de critério. O concêrto foi transmitido integralmente, embora ter-

minasse fora do período regular das emissões nocturnas. Não mais teremos as arrelias, infelizmente tão repetidas, de ver cortados trechos inteiros ou mesmo peças que, mal começavam após anúncio do locutor, eram interrompidas com a irritante nota «somos forçados a terminar a nossa retransmissão, etc...».

Felizmente que isso acabou. Os nossos agradecimentos à Emissora Nacional.

É ainda muito digno de ser notado o nobre gesto da excelsa artista, cedendo os assás elevados honorários, que lhe cabiam pela colaboração solística, a duas casas de caridade. O próprio quantitativo leva-nos a crer que se pensa agora com mais largueza de vistas sobre a retribuição do trabalho artístico em Portugal e será muito mais fácil — especialmente agora — conseguir a colaboração de um ou outro artista estrangeiro que mereça a pena convidar para colaborar com a Orquestra Sinfónica Nacional.

A colaboração de Guilhermina Suggia neste concêrto está acima de toda a crítica. O seu nome não esquecerá. O público compreendeu mais uma vez o valor da sua Arte, acarinhando-a com os máximos aplausos.



Numa terra em que me parece continua ainda a ser lugar-comum do sentido crítico dos leitores a apreciação do que lêem mais pelo que não foi escrito do que por aquilo que lêem, torna-se necessário dizer que é com muita sinceridade que esperava de Mário de Sampaio Ribeiro a mesma seriedade e objectividade histórica da parte mais puramente científica dos seus anteriores trabalhos neste

actual volumezinho sobre Luiza de Aguiar Todi (Cultura Artística — Estudos Diversos — Ed. «Ocidente», Lisboa, 1943). E, tal como esperava, assim encontrei a obra.

Da sua obra anterior, toda a parte objectiva — e muita da que outros mais obsecados do que eu pretenderão puramente facciosos — é em geral inatacável. De resto, para o caso presente, como poderia o Autor destas linhas, escrevendo aqui mais ou menos de omnia re scibili (e talvez et quibusdam allis...), vir atacar ou fornecer novos dados a quem «há mais dez anos», como se diz na advertência ao «Leitor Amigo», através de todas as dificuldades, acarreta dados para uma biografia completa de Luiza Todi? Infelizmente não é ainda essa obra que temos na mão, mas no seu pequeno volume esta vem já esclarecer ou emendar vários passos da vida da Todi, como o da suposta competição entre a nossa compatriota e a cantora Banti (em Madrid), referida por Joaquim de Vasconcelos, que fez fé em Soriano Fuertes e passou à obra de Ribeiro Guimarães — competição esta que Sampaio Ribeiro prova ser impossível, pois as duas artistas nunca estiveram conjuntamente na capital espanhola. As preciosas notas dão-nos mais novidades que não podem ser aqui tratadas. Devemos referência, no entanto, à rica documentação iconográfica de que destaque, por exemplo, a gravura alusiva à competição entre a Todi e o soprano Marchesi, da maior raridade.

A vida da grande cantora é-nos evocada como recordações dela própria, já velhinha, pelo braço duma de suas filhas a caminho da missa matinal na igreja de S. Pedro de Alcântara. Desde a estreia no Teatro do Bairro Alto até às noites de Londres, novamente em Lisboa na Rua dos Condes e logo na Rússia de Catarina, as competições com a Mara, o epíteto de Chantatrice de la Nation... tudo lhe perpassa em mente e nos é apresentado vivamente, concisamente, como que fazendo-nos participantes das viagens, dos sucessos e das glórias daquela cujos ossos — irrisão dos tempos — jazem hoje na chapelaria Ao Chapéu Modêlo, R. do Alecriam, 76 e 78, antigamente dependência da Igreja da Encarnação!

O historiador de Damião de Góis na Livraria Real de Música e o musicólogo de Os Manuscritos n.ºs 6 e 12 da Biblioteca Geral da Universidade de Coimbra, continua a sua obra de seriedade e canseiras com o presente estudo. Anime-o ao menos o sincero agradecimento dos amigos da Música.

JOSÉ BLANC DE PORTUGAL